

Recebido em: 14/05/2021
Aprovado em: 02/10/2021
Publicado em: 22/10/2021

RICOEUR, LEITOR DE FREUD E LACAN

a questão do sujeito em *Da interpretação*¹

RICOEUR, READER OF FREUD AND LACAN

the subject matter in *De L'interprétation*

Vincenzo Di Matteo²
(dimatteo@nlink.com.br)

Resumo: Pretendo analisar os desafios que a invenção da psicanálise colocou para as filosofias da liberdade e da consciência dos filósofos ligados à fenomenologia e/ou à renovação dos estudos hegelianos na França, tomando como exemplo paradigmático a leitura de Freud de Paul Ricoeur. Registro, inicialmente, o diálogo entre psiquiatras, filósofos e psicanalistas de língua francesa, que culminou no famoso Colóquio de *Bonneval* (1960) sobre o inconsciente. Em seguida, apresento o desdobramento da Comunicação ricoeuriana de *Bonneval* na publicação do *Essai sur Freud* em 1965. Registro, em seguida, as ressonâncias positivas e polêmicas à leitura ricoeuriana de Freud e Lacan, reconhecendo as dessemelhanças existentes entre os dois pensadores acerca da questão do sujeito, mas também destacando as aproximações possíveis. Finalmente, apresento uma releitura da questão do sujeito a partir da atual conjuntura cultural e da nova correlação de forças entre psiquiatria, filosofia e psicanálise.

Palavras-chaves: Filosofia. Psicanálise. Cogito. Sujeito. Subjetividade.

Abstract: I intend to analyze the challenges that the invention of psychoanalysis set to the philosophies of freedom and conscience of philosophers linked to phenomenology and/or the renewal of Hegelian studies in France, taking as a paradigmatic example the reading of Freud by Paul Ricoeur. I record, initially, the dialogue between French-speaking psychiatrists, philosophers and psychoanalysts, which culminated in the famous *Bonneval* Colloquium (1960) on the unconscious. Then, I present the development of Bonneval's Ricoeurian Communication in the publication of the *Essai sur Freud* in 1965. I then register the positive and polemic resonances to the Ricoeurian reading of Freud and Lacan, recognizing the existing dissimilarities between the two thinkers about the issue of subject, but also highlighting the possible approximations. Finally, I present a rereading of the issue of the subject from the current cultural conjuncture and the new correlation of forces between psychiatry, philosophy and psychoanalysis.

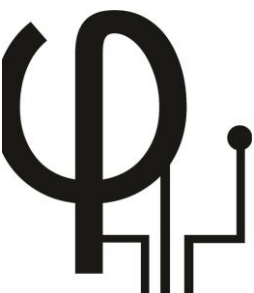
Keywords: Philosophy. Psychoanalysis. Cogito. Subjet. Subjectivity.

¹ Alguns trechos do presente artigo retomam elementos de: DI MATTEO, 2014.

² Professor Associado do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1400820708762238>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7135-4450>.



1 FILOSOFIA E PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO IMPOSSÍVEL?

Teoricamente, o diálogo entre psicanálise e filosofia é possível, desejável e certamente pode ser produtivo. No entanto, as primeiras relações entre filósofos e psicanalistas, ao longo da primeira metade de século XIX, foram marcadas mais pela desconfiança e pelas resistências recíprocas, que pela abertura e diálogo. Em vários escritos, Freud aborda o tema da resistência à psicanálise (FREUD, 1917, v. XVII; 1925, v. XIX). Conforme, porém, suas palavras proféticas, “essa resistência não pode durar para sempre. Nenhuma instituição humana pode, em longo prazo, escapar à influência da crítica legítima” (FREUD, 1925, v. XIX, p. 273). Nesse sentido, é significativo o que aconteceu com os filósofos de língua francesa a partir da implantação do freudismo, da década de 20 até a década de 60.

1.1 A Geopsicanálise Francesa

Com o termo ‘geopsicanálise’, proposto por Derrida, entende-se os modos específicos de implantação da psicanálise nas diversas partes do mundo. (ROUDENESCO, 2000, p. 108). A França não foi inicialmente uma “terra prometida” para a psicanálise. É notório que esta entrou um pouco tardiamente nesse país e sua incorporação pela psiquiatria e pela cultura em geral foi lenta, excetuando-se o movimento surrealista. Não é por acaso que o artigo de Freud *As resistências à psicanálise*, traduzido em francês e publicado inicialmente num periódico de língua francesa, destacava a medicina e a filosofia da consciência como as resistências mais fortes.

Alguns ‘obstáculos epistemológicos’ dificultavam essa inserção. Havia toda a tradição da psiquiatria de Charcot e de Janet, que parecia tornar dispensável a tradição psiquiátrica alemã, incluindo nela a própria psicanálise de Freud. Persistia, também, toda uma tradição cartesiana da filosofia francesa, sem contar a tradição espiritualista e idealista que via com desconfiança o materialismo e o ateísmo da doutrina freudiana (DELACAMPAGNE, 1997, p. 23).

Questionava-se, antes de tudo, a validade da ‘doutrina’ freudiana – mais especificamente a do chamado “realismo” do inconsciente –, que era exposta sob uma linguagem positivista e que colocava em xeque uma abordagem filosófica ou psicológica do sujeito ‘em primeira pessoa’ (POLITZER, 1928). É compreensível que a atitude inicial dos filósofos fosse mais de rejeição que de acolhida, como mostra claramente o caso do Sartre (1997, pp. 92-118), em *O Ser e o Nada*, ao opor ao inconsciente da psicanálise o conceito



de *má fé*, e à psicanálise freudiana, que chamava de “empírica”, sua psicanálise “existencial” (*ibidem*, pp. 682-703).

O livro de Dalbiez, *La Méthode Psychanalytique et la Doctrine Freudienne*, publicado em 1936, representou a concretização filosófica de uma atitude que se tornou hegemônica na França, após a Primeira Guerra Mundial, com relação à psicanálise: o ‘sim’ à técnica terapêutica, e o ‘não’ à doutrina freudiana que a sustentava. Segundo o autor da primeira tese de doutorado em “Filosofia da Psicanálise” na França, a psicanálise seria apenas um método que se revelou extremamente fecundo para explicar a causalidade do ‘psiquismo inferior’ (atos falhos, sonhos, sexualidade), bem como para explicar a causalidade do ‘psiquismo mórbido’ (neuroses, psicoses), mas totalmente inadequado para explicar o ‘psiquismo superior’ (arte, moral, religião) (DALBIEZ, 1936, p. 301).

Mesmo que mais tarde, Ricoeur, seu mais ilustre aluno e continuador das pesquisas sobre filosofia e psicanálise, vá discordar de seu primeiro mestre ao afirmar que “doutrina é método” e que a psicanálise é uma interpretação da cultura não apenas de fato, mas também de direito (RICOEUR, 1965, p. 420), inicialmente e no fundo, alinhava-se com as críticas dos filósofos franceses e seus receios de que, sob “as astúcias do demônio inconsciente”, o homem se livrasse de suas responsabilidades (RICOEUR, 1950, p. 352). Seria o suicídio da liberdade, talvez até “obscuramente desejado por todo aquele que busca no freudismo não um socorro para compreender e sarar a consciência que fracassa, mas uma explicação que o livra da carga de ser livre” (*ibidem*, p. 378).

A despeito dessas leituras mais críticas de Freud, especialmente a partir da segunda metade do século XX, filósofos franceses ligados de alguma forma à fenomenologia de Husserl e/ou à analítica existencial de Heidegger, como M. Merleau-Ponty, P. Ricoeur, A. De Waelhens, e/ou à renovação dos estudos hegelianos na França, como J. Hyppolite, encontraram cada vez mais em Freud um interlocutor privilegiado com o qual mantiveram diálogo crítico, mas não inamistoso, a ponto de Merleau-Ponty se perguntar: são as resistências do leitor que cederam com o decorrer dos anos ou este caiu nas armadilhas da psicanálise? (MERLEAU-PONTY, 1960, pp. 5-10). Foram justamente esses filósofos, junto a Henry Lefebvre, filósofo marxista e sociólogo de renome, os convidados por Henri Ey para discutir com psiquiatras e psicanalistas o tema do inconsciente em *Bonneval*, no ano de 1960 (EY, 1966).

1.2 Psiquiatras, Psicanalistas e Filósofos em *Bonneval*



Não era a primeira vez que Ey reunia psiquiatras e psicanalistas para confrontar suas posições com relação à loucura e especificamente ao inconsciente freudiano. Já em 1946, os adeptos de um “inconsciente biológico” e de um “inconsciente mais linguístico” tiveram oportunidade de expor seus pontos de vista. Em 1960, porém, foram convocados psiquiatras³ e psicanalistas das duas sociedades: a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP)⁴ e a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP)⁵, além de filósofos de renome. Lacan, que pertencia à SFP, a título de amizade pessoal, foi convidado a participar dos debates, mas sem direito a nenhuma exposição.

Não nos deteremos na análise das peças tomadas isoladamente desse complexo jogo de saber e de poder em que as *Jornadas* se transformaram. Tanto para Ey quanto para Lacan, *Bonneval* não representava apenas um encontro científico, mas um verdadeiro acontecimento político, o que talvez possa explicar certos desvios de linguagem e certas atitudes polêmicas lastimáveis que ameaçaram transformar o *Simpósio* em um “circo” (EY, 1966, p. 10).

Para Ey, tratava-se de abrir a psiquiatria francesa à experiência freudiana, mas sem que a primeira perdesse sua identidade e abdicasse da especificidade de seu discurso sobre a loucura. Para Lacan, interessava provar que agora a psicanálise era a legítima herdeira da antiga psiquiatria e criticar a tendência médica que predominava na SPP, bem como apresentar seu grupo coeso em torno das teses que relacionavam o inconsciente à linguística estrutural e opor ao freudismo fenomenológico o freudismo estruturalista (ROUDINESCO, 1994, p. 262).

Na realidade, os dois mais brilhantes representantes da psiquiatria e da psicanálise francesa não conseguiram atingir seus objetivos, pelo menos não totalmente. Primeiro, porque numerosos estudantes de psiquiatria que participaram do encontro ficaram seduzidos pelo discurso psicanalítico. Segundo, porque o grupo de Lacan não estava tão coeso ou mais coeso que o da SPP. Terceiro, porque os filósofos, aparentemente os mais afetados pelo discurso psicanalítico do inconsciente, não tiveram dificuldade em reconhecer a necessidade de uma revisão de sua postura com relação à psicanálise. Ricoeur, por exemplo, reconhece o abalo considerável que constituiu para ele, como filósofo, o encontro com a psicanálise. Ele não tem dificuldade em admitir que a fenomenologia não tem acesso ao inconsciente psicanalítico, admitindo, inclusive, a validade e o limite do realismo do inconsciente, além de reconhecer a necessidade de renunciar a uma filosofia imediata da consciência para aceder a ela como tarefa (RICOEUR, 1966, p. 170).

³ São eles: Georges Lantéri-Laura, Sven Follin, Claude Blanc, François Tosquelles e René Angelergues.

⁴ São eles: Serge Lebovici, René Diaktine, André Green e Conrad Stein.

⁵ São eles: Serge Leclaire, François Perrier, Jean Laplanche e J-B. Pontalis.

As ressalvas que apareceram entre os filósofos foram com relação à concepção lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem, brilhantemente defendida por Laplanche e Leclaire naquela oportunidade. A crítica que mais parece ter magoado Lacan foi a do seu amigo Merleau-Ponty. “Algumas vezes – teria dito – experimento um mal-estar em ver a categoria da linguagem ocupar todo lugar” (EY, 1966, p. 170).

Esse mal-estar decorria do fato de que Merleau-Ponty via na psicanálise freudiana algo que poderia ajudar a filosofia fenomenológica a superar a compreensão idealista da consciência. “A psicanálise com suas metáforas energéticas e mecanicistas – escreveu num famoso *Prefácio* – conserva o limiar de uma intuição que é uma das mais preciosas do freudismo: aquela de nossa *arqueologia*” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 9).

Esse conceito-metáfora de *arqueologia* não é só da psicanálise. Seria também da filosofia de Husserl, que poderia ser entendida como uma "arqueologia da experiência humana" (FINK *apud* RAMOS, 1978, p. 253). A expressão foi recolhida pela fenomenologia e filosofia, em geral de língua francesa, a ponto de até o hegeliano J. Hyppolite considerar a psicanálise como “uma filosofia da existência e da experiência humana”, uma “arqueologia ou exegese do espírito” (HYPPOLYTE, 1989, pp. 87-124). Ao tema da “*arqueologia do sujeito*”, Ricoeur (1965, pp. 407-443) dedicará um capítulo inteiro do seu *Ensaio sobre Freud*, retomando o que já tinha esboçado na Comunicação de *Bonneval*, ao falar de uma "arqueologia do inconsciente" (RICOEUR, 1978, p. 104)⁶.

Se naquele encontro os psicanalistas levaram a melhor sobre psiquiatras e filósofos, não houve, todavia, um consenso quanto ao modo de entender o inconsciente, nem entre o próprio grupo de Lacan. Laplanche tinha, por seu turno, suas reservas com relação à tese lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem⁷.

1.3 De *Bonneval* ao *Ensaio sobre Freud*

De qualquer maneira, *Bonneval* prometia um diálogo promissor entre filósofos e psicanalistas. Lacan ficou impressionado positivamente com a Comunicação de Ricoeur, convidando-o a frequentar seus *Seminários*. Ricoeur aceita e, por um tempo, entre 1961 e 1963,

⁶ *Ensaio sobre Freud* ou *Da interpretação* são expressões abreviadas que utilizaremos neste artigo para designar a obra de Ricoeur: *Da interpretação – ensaio sobre Freud* (1965).

⁷ Sobre as divergências, isto é, se o inconsciente é a condição da linguagem (Laplanche) ou se a linguagem é a condição do inconsciente (Lacan) e os desdobramentos da polêmica, remetemos tanto à obra de ROUDINESCO, 1985, pp. 330-337; quanto ao texto de Jean Laplanche, cf. especialmente o *post-scriptum* acrescentado em 1966, “O inconsciente: um estudo psicanalítico”, em EY, 1966; enfim ao texto de Jaques Lacan, “Posição do inconsciente”, em LACAN, 1966, pp. 829-850.



coloca-se na escuta do ensino de Lacan. Exasperado, porém, com uma fala que considerava “inutilmente difícil e perversamente reticente”, abandona o *Seminário* lacaniano (ROUDINESCO, 1985, p. 417). A dedicatória para Lacan em seu *Ensaio sobre Freud*, em 1965, é sintomática nesse sentido. Ricoeur dizia tê-lo escrito “na esperança de poder ler e compreender Lacan”. Antes de tudo, expressava, com isso, uma confissão implícita: de não ter entendido o psicanalista. Todavia, poderia sugerir a ideia de que sua leitura de Freud nada lhe devia por não o ter ainda lido.

Na realidade, são dois *retornos a Freud* que começam a se delinear e duas concepções de linguística que se confrontam. Aquele de Ricoeur, é o Freud com suas metáforas energéticas, que lhe permite dar conta do que chama de “semântica do desejo”. A concepção de linguística é a de Benveniste (DOSSE, 1994, pp. 61-62; NORMAND, 1985, p. 8), um dos poucos linguistas antes de 1966 a tentar analisar e compreender as relações do sujeito com a língua e a temporalidade (BENVENISTE, 1958; 1965). O de Lacan, por seu turno, é o retorno mediado a Freud, entre outras influências, pela concepção linguística de Jakobson.

O encontro-desencontro entre a leitura ricoeuriana e a lacaniana de Freud começa a se evidenciar no *Encontro Internacional de Filosofia*, ocorrido em Roma, em janeiro de 1964. A divergência foi expressa com todas as letras num diálogo tenso que se seguiu à Comunicação de Lacan sobre o desejo do analista. Ricoeur abre a discussão, manifestando sua frustração com relação à Comunicação de Lacan:

R.- *Depois que li você e entendi você, fui progressivamente conquistado pela interpretação linguística que você faz do inconsciente...*

L. - *Não faço interpretação linguística; eu digo: a interpretação é a linguística.*

...

R. - *[...] Parece-me que o inconsciente opera uma espécie de blocagem do infra-linguístico e do supra-linguístico e não representa os fenômenos linguísticos no estado de distorção. Distorção que mais uma vez precisa de metáforas energéticas para dar conta desta *Vorstellung*, desta transposição de fenômenos linguísticos, por quanto escandaloso seja o procedimento de um ponto de vista de uma filosofia do sujeito, os termos condensação e deslocamento designam operações violentas...*

L - *Não são operações violentas, são operações características.*

R. - *Certo, características, mas enfim, são relações de forças.*

L. - *Essas relações de forças são relações de persuasão.*

R. - *São relações de forças que eu reencontro no conceito freudiano de trabalho (*Arbeit*), nas expressões de trabalho do sonho, trabalho de deslocamento, trabalho de condensação; ora, não é por acaso que Freud chama de *Durcharbeiten*, quer dizer, mais uma vez trabalho, a tomada de consciência do analisado e que fale do trabalho do analista, expressão que eu encontro cem vezes nos textos de Freud. Portanto, deve haver certa constelação do termo *Arbeit*, que tem relação com o que chamo de energética invencível. A dificuldade é de ordem metapsicológica, para falar como Freud,*



porque o conceito serve a teorizar o que se passa na própria experiência analítica. (Discussione, *Archivio di Filosofia*, n.1/2, 1964, pp. 55-60)

Poderiam ambos monólogos ter continuado coexistindo na esperança de que um dia pudessem de fato dialogar ou será que já anunciavam claramente sua impossibilidade? Até para evitar polêmicas, talvez pressentidas, Ricoeur afirma no começo de seu *Ensaio sobre Freud*, que quer restringir seu debate apenas com Freud, deixando de lado os que considerava dissidentes, adversários ou criativos, como era o caso de Lacan (RICOEUR, 1965, pp. 7-8). No entanto, Ricoeur não resistiu à tentação de se confrontar com Lacan e de se utilizar de várias expressões que já faziam parte do vocabulário psicanalítico lacaniano.

2 RICOEUR E O SUJEITO LACANIANO EM DA INTERPRETAÇÃO

Da interpretação representa, sem dúvida, um ingente esforço intelectual para articular e enriquecer os numerosos dados e problemas retomados de outras leituras filosóficas de Freud, das próprias preocupações teóricas de seu autor nos anos 60 e das temáticas da filosofia contemporânea determinadas pela ‘virada linguística’. O desafio era conciliar o aparente ou o real inconciliável: a leitura do patológico, do normal e do cultural, a partir do arcaísmo, da indestrutibilidade e da onipotência do desejo com um “outro do desejo”, de que nos fala a psicanálise, que permitisse dar conta da sobredeterminação e promoção de sentido que especialmente os símbolos do sagrado seriam portadores.

De fato, quatro preocupações básicas nos parecem habitar no *Da interpretação* a ponto de torná-lo “um livro apaixonado” e “à altura da própria audácia freudiana” (SCHÉRER, 1965, p. 1052): uma, existencial (a compreensão de si mesmo); outra, cultural, (a crise da linguagem em geral e das hermenêuticas em particular); a terceira, antropológica, (a crise do cogito); uma última, ontológica, (a pergunta pelo Ser).

Para Ricoeur, não existindo ainda uma grande filosofia da linguagem, o campo hermenêutico do fenômeno religioso está partido e a resolução desse problema é o horizonte de todo o seu projeto (RICOEUR, 1965, pp. 13; 35; 445). Nesse sentido, ele faz cruzar os aportes que a psicanálise pode oferecer à antropologia filosófica (arqueologia do sujeito) (*ibidem*, cap. II, livro III, pp. 407-443) até nos levar aos umbrais do sagrado (escatologia) (*ibidem*, cap. IV, livro III, pp. 476-529), após incorporar as contribuições hegelianas acerca da subjetividade (teleologia) (*ibidem*, cap. III, livro III, pp. 444-475).



Não nos deteremos sobre cada um dos quatro problemas que Ricoeur quer resolver, mas iremos focar apenas no que, provavelmente, representa um dos temas e problemas mais recorrentes, não apenas em *Da interpretação*, mas em toda sua vasta produção intelectual: a questão do sujeito. É a compreensão do “si” que realmente lhe importa, através da compreensão da linguagem de duplo ou múltiplo sentido, proporcionada pela psicanálise⁸ (RICOEUR, 1965, p. 50). “É a nova compreensão do homem, introduzida por Freud, que me interessa”, confessará abertamente no prefácio (*ibidem*, p. 8).

Nesse sentido, o livro sobre Freud vai proporcionar a Ricoeur a retomada de uma antiga preocupação: integrar o inconsciente psicanalítico à filosofia reflexiva francesa. Essa preocupação, já era evidente em seu primeiro grande trabalho de filosofia com a noção de “involuntário absoluto”.

Há, portanto, um debate que Ricoeur quer manter com a psicanálise, que vai do primeiro Freud, o da sua tese de doutorado – *Filosofia da vontade: o voluntário e o involuntário* –, ao segundo, o do *Da interpretação*, no qual a metáfora da arqueologia é fundamental para a reformulação do primeiro *cogito integral* e do *cogito hermenêutico* da *Simbólica do mal*, segundo volume da *Filosofia da vontade*..

No *Ensaio sobre Freud*, surge uma nova constelação semântica de *cogito*, que lhe permite a desconstrução do “falso Cogito”. O “verdadeiro Cogito”, o Cogito ‘originário’, o Cogito ‘fundamental’ e o Cogito ‘autêntico’, é ‘ocultado’, ‘obturado’ por um ‘falso cogito’, ou seja, um ‘cogito abortado’, ‘ilusório’, ‘imediato e enganador’. Um ‘cogito anteparo’, ‘cogito resistência’ entre nós e o mundo (*ibidem*, pp. 70-79). O Cogito revelado pela metapsicologia freudiana é um ‘cogito ferido’: deve recuperar e integrar o que o precede, a fim de fazer da consciência não um dado, e sim uma conquista (*ibidem*, p. 368).

Concomitante a esse jogo de linguagem familiar aos escritos anteriores de Ricoeur, encontramos, também, um outro, de clara inspiração lacaniana. É verdade que o nome de Lacan ocorre apenas duas vezes no texto (*ibidem*, pp. 8; 385). Nas notas, porém, o filósofo hermenauta registra diligentemente vários escritos do psicanalista⁹. É verdade que algumas expressões de

⁸ A pergunta sobre o “si” retorna quase no final da *Problemática*: “o que significa o “Si” da reflexão sobre si mesmo?”

⁹ Propos sur la causalité psychique. *Évol. Psychiatr.*, 1946, fasc. I (Citação em *De l'intrprétation*, p. 358, n. 37); Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience analytique. *Rev. Fr. de Psychanalyse*, XIII, 4, 1949, p. 449-454. (Cf. *De l'intrprétation*, p. 395, n. 77; p. 414, n. 7); Fonction et champ de la parole et du langage en Psychanalyse. *La Psychanalyse*, I, p. 81-166. (Cf. *De l'interprétation*, p. 358, n. 37); L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. *La Psychanalyse*, III, 1957, p. 47-81. (Cf. *De l'interprétation*, p. 358, n. 37); La direction de la cure et les principes de son pouvoir. *La psychanalyse*, V, p. 1-20, 1959. (Cf. *De l'interprétation*, p. 395, n. 77); Les formations de l'inconscient, *Seminaire 1957/8. Bull. Psych.* n. 11; Le désir et ses interprétations, *Seminaire, 1958/59. Bull. Psych.*, jan. 1960. (*De l'interprétation*, respectivamente, p. 414, n. 7 e p. 442, n. 37).



clara inspiração lacaniana e já consagradas na primeira parte dos anos 60 não se encontram no texto de Ricoeur, tais como “sujeito do inconsciente”, “sujeito do desejo”, “sujeito do significante”, “sujeito da ciência”, “sujeito do enunciado”, “sujeito da enunciação”, “sujeito barrado”, “sujeito dividido” etc. No entanto, não faltam algumas outras, tais como: “o inconsciente estruturado como linguagem”, “metáfora paterna”, “metáfora e metonímia”, “demanda”, “passagem ao simbólico”, “gozo”, “falo”, “registro do imaginário”, “história do desejo”, “história do sujeito”, “cadeia significante”, “concatenação de significados”, “captura da pulsão nas malhas do significante”, “significantes maiores”, “significantes chaves”.

Esse simples levantamento mostra que Ricoeur não utiliza toda a variada e rica constelação semântica utilizada por Lacan para designar o sujeito, mas conhece o suficiente para caracterizar o que Lacan, num texto de 1960 (pp. 796; 800-808; 811; 819), chama de “nosso sujeito”, sujeito freudiano, sujeito que nos interessa, o sujeito definido em termos linguísticos na sua relação e submissão ao significante.

2.1 Ricoeur, plagiário de Lacan: as primeiras ressonâncias

A ousadia, grandiosidade e seriedade da empreitada de Ricoeur foram aplaudidas por muitos, atestadas pelo sucesso editorial do livro¹⁰. Não faltaram, porém, reações ambivalentes e até divergentes. Afinal, eram previsíveis. Os amplos problemas abordados e as soluções apontadas, que pareciam mais ecléticas que dialéticas, mobilizavam as desconfianças de todos – filósofos, psicanalistas, psiquiatras, teólogos e escritores em geral, ligados de alguma maneira à psicanálise – e não tardaram a aparecer nas numerosas resenhas de que o livro de Ricoeur foi objeto.

Os seguidores de Lacan e seus simpatizantes denunciam os empréstimos lacanianos não suficientemente reconhecidos quando utilizados (VALABREGA, 1966, pp. 213-394) ou indevidamente ignorados quando exigidos (TORT, 1966, pp. 1461-1493; 1629-1652). Há quem julgue que essa crítica ‘é uma das mais injustas’ das que foram dirigidas a Ricoeur (SCHLEMMER, 1966, p. 7).

Determinados autores o acusam de extrair da psicanálise uma abertura para a transcendência que ela não possuiria (ROBERT, 1965, pp. 664-681), enquanto teólogos católicos o criticam por conceder demais à crítica freudiana, na ânsia de incorporá-la como um

¹⁰ Mesmo depois da publicação dos *Escritos* de Lacan, em 1966, o livro de Ricoeur – pelo menos por algum tempo – vendeu mais que o de Lacan. Depois, progressivamente, a curva se inverte. Cfr. ROUDINESCO, 1985, p. 443.



momento necessário de purificação da fé (POHIER, 1966, pp. 947-970). Outros, até o louvam por esse empreendimento (THIRY, 1966, pp. 1083-1087). Há quem considere sua filosofia excessivamente marcada pela teologia protestante (POHIER, 1966, p. 958), e quem deseje e aguarde a elaboração da *Poética da vontade* para superar os limites de uma filosofia da reflexão (JULIEN, 1966, p. 626).

Alguns o criticam por ter concedido demais ao cientismo e positivismo freudiano (BEIRNAERT, 1965, pp. 49-52; WAELHENS, 1965, pp. 591-612); outros, por reduzir a psicanálise a uma concepção filosófica (JULIEN, 1966, pp. 620-626). Psicanalistas o acusam de querer reconquistar o antigo sujeito filosófico pela teleologia hegeliana (TORT, 1966, pp. 1461-1493; 1629-1652), enquanto psiquiatras duvidam e se inquietam pela adesão incondicional à arqueologia freudiana do sujeito (ELLENBERGER, 1966, pp. 256-266).

Há aqueles que o recriminam por não assumir totalmente a psicanálise (GAIANO, p. 423) e outros, por aceitá-la em bloco e acriticamente, como os teólogos escolásticos faziam com a revelação cristã (ELLENBERGER, 1966, p. 264). Há quem o acusa de conclusões precipitadas; quem, ao contrário, lastima ter permanecido apenas em sugestões e hipóteses de trabalho.

Há também aqueles que denunciam uma leitura de Freud que não passaria de um pequeno manual escolar (TORT, 1966, pp. 1461-1466), e quem, ao contrário, julga que ela não tem nada da ordem do comentário, da escolástica (CHAZAUD, 1967, p. 500). Quase todos reconhecem a impossibilidade de uma neutralidade para mediar o conflito hermenêutico, mediação paga às vezes com um ecletismo que Ricoeur tenta evitar sem convencer. Enfim, ao restringir sua análise apenas à obra de Freud, é o freudismo ortodoxo que sub-repticiamente estaria privilegiado e a “renovação freudiana”, liderada por Lacan, propositadamente ignorada; ao mesmo tempo em que dela Ricoeur toma inspiração para efetuar sua própria releitura de Freud.

Não nos deteremos sobre a pertinência das críticas, nem vamos retomar a polêmica questão do plágio. Esse ‘nó de Górdio’, que magoou e irritou tanto o filósofo quanto o psicanalista, foi cortado de vez, poucos anos mais tarde, pelo próprio Lacan:

Suponham que [...] alguém cite uma frase indicando onde ela está, o nome do autor, por exemplo, o Sr. Ricoeur. Suponham que se cite a mesma frase, colocando-a sob o meu nome. Isto não pode absolutamente ter o mesmo sentido nos dois casos. Espero que entendam com isso o que está em questão no que chamo de citação. (LACAN, 1969-1970, p. 35)



De fato, a semelhança formal de uma frase utilizada por dois autores não implica necessariamente a identidade de conteúdo. O verdadeiro sentido de expressões linguísticas parecidas ou até idênticas deve ser encontrado no interior de uma arquitetônica do pensamento de cada autor e, no nosso caso específico, podemos até concordar que Ricoeur e Lacan são como novos Diógenes em busca do sujeito nas praças da nossa contemporaneidade; contudo, são diferentes as respectivas lanternas e os resultados dessa procura. No entanto, não podemos deixar de assinalar o fato de que, em ambos, encontra-se tematizada e problematizada a “questão do sujeito”, numa época em que o declínio da fenomenologia, a crítica heideggeriana da “metafísica da subjetividade” e o avanço das ciências humanas, inspiradas no modelo linguístico, pareciam tornar obsoleta essa problemática.

Além disso, ambos são portadores de um discurso que se inscreve na sequência da “revolução copernicana” do psiquismo, operada por Freud, e do estudo da língua, iniciado por Saussure, o que implica necessariamente, entre outras coisas, que o sujeito da modernidade deva ser repensado em profundidade, não podendo ser confundido com o indivíduo biológico, nem com o Cogito cartesiano e com o sujeito hegeliano.

Ricoeur e Lacan reconhecem a não coincidência do sujeito com a consciência e o concomitante e necessário descentramento do primeiro com relação à segunda. Nesse sentido, tanto Lacan quanto Ricoeur concordam que “devemos perder o ego (moi) para reencontrar o eu (je)” (RICOEUR, 1978, p. 21).

Se há uma “história do sujeito” e a possibilidade de ter acesso, pelo menos em parte, à sua verdade, ela passa obrigatoriamente pela articulação do desejo, do inconsciente e da linguagem, mas sem o final feliz do sujeito absoluto. Apesar do “flerte” hegeliano de Ricoeur, percebido e denunciado por M. Tort e por De Waelhens, é preciso reconhecer que também o filósofo hermeneuta pensa que o homem só tem acesso a uma verdade parcial sobre a realidade e até sobre si mesmo.

É possível registrar também a convicção partilhada de que o homem é um ser de desejo e marcado pela linguagem, antes de tudo pela linguagem corporal dos traços do desejo e do gozo. Sem poder silenciá-la ou nela permanecer, o homem é forçado a substituí-la por outra, por outros significantes que o “representam”, que tenham o lugar do sujeito. Em *A simbólica do Mal*, Ricoeur (1960, pp. 323-332) afirma que “le symbole donne à penser” – o símbolo dá a pensar. Em *Da interpretação*, está convencido de que “le désir donne a parler” – o desejo dá a falar –. (1965, p. 316), pela sua impossibilidade de ser satisfeito. O drama edípiano decorre da impossibilidade da realização do desejo. O ganho secundário dessa insatisfação é a simbolização: “o desejo dá a falar enquanto demanda insaciável” (*ibidem*).



Uma quarta aproximação já foi assinalada por seus críticos: a distinção entre desejo e demanda. O desejo humano não se caracteriza somente pelo desejo do outro, mas pelo desejo do desejo do outro, isto é, pela demanda, que é a palavra dirigida ao outro (*ibidem* pp. 377; 378).

Finalmente, na controvérsia entre a chamada psicologia do ego (*ego psychology*) e uma prática psicanalítica que visa unicamente o “discurso verdadeiro”, Ricoeur se coloca decididamente ao lado dessa concepção da psicanálise que prioriza o pulsional sobre o cultural. A neutralidade do psicanalista, entre a demanda infantil do paciente e a demanda social da adaptação, é percebida como fundamental para a emergência de um “discurso verdadeiro”, que está mais ao lado do escândalo da psicanálise que da adaptação a uma desordem estabelecida (*ibidem*, p. 364).

Decorridos mais de cinquenta anos da publicação do *Ensaio sobre Freud* e das polêmicas que se seguiram, hoje nós podemos reconhecer que o esforço intelectual, do filósofo Ricoeur e do psicanalista Lacan, de repensar a subjetividade, herdada da modernidade, levando a sério a descoberta freudiana, é expressão de uma problemática que transcende o mundo restrito das “convicções” pessoais de Ricoeur e de Lacan, e está no cerne também de nosso mundo cultural chamado, com um rótulo de conveniência, de “pós-moderno”.

3 A QUESTÃO DO SUJEITO: PSIQUIATRAS, PSICANALISTAS E FILÓSOFOS HOJE

Evidentemente, o contexto histórico cultural atual não é mais o do começo da segunda metade do século XX e menos ainda aquele francês. Com relação à psicanálise, temos de reconhecer que, como moda, talvez já tenha passado. Não é por acaso que, no final do século que findou, a psicanalista Roudinesco sentiu a conveniência de lançar um livro em defesa da psicanálise, com o título emblemático de *Por que a psicanálise?*¹¹

Ao mesmo tempo, vários psicanalistas do mundo todo se autoconvocaram no *Primeiro Encontro dos Estados Gerais da Psicanálise*, realizado em Paris, no ano 2000, e posteriormente, em 2003, no Rio de Janeiro, para repensarem suas teorias e suas práticas a partir dos novos desafios lançados pela cultura atual à psicanálise. Dois filósofos ligados à psicanálise foram convidados oficialmente para participar dos eventos: no primeiro, Derrida (2000)¹²; no

¹¹ Cf. ROUDINESCO, 2000.

¹² Cf. DERRIDA, 2001.

segundo, Sergio Paulo Rouanet (2003)¹³. Sinal inequívoco da permanência das afinidades eletivas entre os dois saberes: *Filosofia e Psicanálise*. Outros sinais são a criação do *GT Filosofia e Psicanálise*, em 2002, no Brasil¹⁴, e da *Sociedade Internacional de Psicanálise e Filosofia (SIPP)*, na Europa, em 2008¹⁵.

Quanto às mudanças culturais ocorridas nos últimos decênios e que provavelmente vão continuar a ter seus desdobramentos e importantes reverberações sobre as subjetividades nos próximos anos, destaco apenas a sensação de que gozaríamos hoje de uma liberdade superampliada, sem as contrapartidas de segurança, que deixam o sujeito contemporâneo tão ou talvez até mais infeliz que o sujeito moderno. Talvez o peso excessivo dessa pretensa liberdade contemporânea levou o sujeito de hoje a procurar mais a proteção medicamentosa que os referenciais da psicanálise.

De fato, a partir dos anos 80 do século passado, aproximadamente, a correlação de forças entre psiquiatria e psicanálise se alterou em favor da psiquiatria, graças também à poderosa *Associação Americana de Psiquiatria*, cujo *Manual diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais (DSM)* foi amplamente adotado pela *Associação Mundial de Psiquiatria* e, mais tarde, pela *Organização Mundial de Saúde (OMS)*. Desde o primeiro *Manual*, o de 1952, até o *DSM 5*, o de 2013, houve um progressivo distanciamento do referencial clínico da psicanálise por parte da psiquiatria (ROUDINESCO, 2000, p. 47-52).

Os conceitos “psicose”, “neurose”, “perversão” viraram “distúrbios mentais” e entraram na órbita de uma medicina biofisiológica. As últimas versões do *DSM*, com sua profusão de categorias clínicas, evidenciaria, segundo alguns críticos, uma verdadeira “psiquiatrização da vida cotidiana”, ao mesmo tempo em que revelaria uma moral psiquiátrica implícita, fiadora de determinados valores sociais apresentados com as credenciais de uma pretensa normalidade médica (SAFATLE, 2013).

Esse divórcio entre psiquiatria e psicanálise, além de certa hegemonia da terapia medicamentosa, também teve, como efeito colateral, a explosão de numerosas formas de psicoterapias alternativas à psicanálise, que passaram a se apresentar com as credenciais de um tratamento ideal: *tuto, cito, jucunde*, isto é, um tratamento seguro, rápido e prazeroso, exatamente o que a psicanálise, desde o começo do século passado, não poderia prometer e jamais prometeu (FREUD, 1905, p. 272).

¹³ Cf. ROUANET, 2011.

¹⁴ Cf. GT FILOSOFIA E PISCANÁLISE, 2021.

¹⁵ Cf. SIPP-IPP, 2021.



É provável que as causas do que podemos chamar de divórcio entre psiquiatria e psicanálise estejam sobre determinadas. Além do avanço espetacular da neurobiologia, da neurofisiologia, da neuropsicologia, da inteligência artificial, das pesquisas farmacológicas e da força da indústria farmacêutica, não podemos esquecer as novas demandas nascidas com a globalização.

Se compararmos o contexto francês da década de 60 com o de hoje, é fácil perceber que o confronto mais problemático não é mais entre um inconsciente fenomenológico e outro psicanalítico, nem entre uma psiquiatria dinâmica e uma psicanálise repensada em categorias linguísticas, mas entre uma determinada compreensão de sujeito e de liberdade, que assume a categoria do inconsciente de um lado e, de outro, uma psiquiatria radicalmente biológica, e muitas psicoterapias que, por razões teóricas diferentes, parecem prescindir ou renunciar à hipótese do inconsciente e ao jogo de linguagem que lhe é correlato.

Quem, nos dias de hoje, também defende a validade do jogo de linguagem que se articulou em torno do significante inconsciente para se falar da subjetividade e da liberdade humana, não pode deixar de se perguntar: mas por que tentar salvar a categoria do inconsciente, se o próprio fundador da psicanálise admite que os avanços da farmacologia um dia poderiam até acabar com o tratamento realizado por “meios psicológicos”? (FREUD, 1940, p. 210.) E por que dar sobrevida a conceitos tão polissêmicos e problemáticos como “sujeito”, “consciência” e “liberdade” para caracterizar que seria propriamente o humano?

As objeções são pertinentes. Talvez tenhamos que fazer o luto, tanto da longa e respeitada tradição filosófica chamada “metafísica da subjetividade e da liberdade”, quanto de clássicas categorias psicanalíticas. A vantagem que podemos tirar desse luto é certamente uma maior liberdade para criar novas metáforas, novos jogos de linguagem para responder ao eterno enigma da Esfinge: decifra-me ou devoro-te.

É provável, portanto, que o jogo de linguagem da psicanálise terá que conviver com outros jogos de linguagem (Wittgenstein) ou outros jogos da verdade (Foucault). Penso, porém, que, independentemente de não ser mais hegemônica a compreensão do homem que a psicanálise nos legou, ela é ainda indispensável para neutralizar duas ideologias que sempre rondam qualquer discurso sobre o humano: a ideologia idealista do consciencialismo e a ideologia cientificista do orgânico e do químico. Os filósofos franceses, Merleau-Ponty e Ricoeur, reconheceram que as metáforas psicanalíticas poderiam nos ajudar a evitar uma compreensão idealista de nós mesmos. Paradoxalmente, hoje, a psicanálise nos poderá ajudar a neutralizar a ideologia organicista. A psicanálise, de fato, aponta para três grandes



universais da subjetividade humana – o inconsciente, a sexualidade e a transferência –, que remetem a certa visão trágica do humano ou pelo menos fortemente dramática.

O trágico aponta para uma série de dificuldades que nenhum avanço tecnológico ou farmacológico poderá contornar sozinho, como a de tornar-se adulto (a infância como destino); saber amar (caráter errante do desejo); conhecer-se em profundidade (inconsciente); lidar com múltiplos conflitos (*Ego*, pobre diabo, servindo a três senhores); ser ético e não apenas moral (superego); tornar-se animal social a despeito de ser mais um animal de horda (Totem e Tabu); assumir o trágico da cultura, evidenciado na luta dos gigantes *Eros* e *Thânatos*; e, enfim, as duas dificuldades, talvez as mais radicais, de um desamparo fundamental e da impossibilidade de “ser feliz”.

Esse destino comum a todos, no entanto, não nos dispensa de nossas responsabilidades. Somos todos, de alguma maneira, como os heróis das tragédias gregas: “vítimas voluntárias”. É verdade que, tanto no registro individual, quanto no social, e no mundial, há algo que não escolhemos. Foi dado ou imposto e muitas vezes está na origem das “desgraças” que se abatem sobre nós, tais como a doença, a violência, o terrorismo, a guerra, a desigualdade e a exclusão social. Todavia, não podemos renunciar à nossa responsabilidade humana.

Nesse sentido, não é possível ignorar que a psicanálise é também habitada e animada por duas utopias (ROUANET, 2003, pp. 154-164): a de que é possível minorar alguns dos males humanos, tanto individuais quanto culturais. Trata-se, porém, de utopias como possibilidade de uma autotranscendência rumo a algo que é inalcançável e, ao mesmo tempo, irrenunciável.

Talvez possamos sintetizar a tensa relação entre inconsciente e liberdade com as duas utopias que lhe estão atreladas, a individual e a cultural (social), numa única frase: “onde havia *Id* e *Superego* cultural deve advir o *Ego*”. Uma recaída ptolomaica de Freud? É provável! Segundo Marcuse, essa famosa frase de Freud é “a mais racional de todas as formulações que se possa imaginar em psicologia” (MARCUSE, 2001, p. 121). Otimismo ingênuo? Certamente, não! Trata-se de um “otimismo desesperado”, como apelida Sergio Paulo Rouanet (2003, pp. 123-134) ou, segundo as palavras do psicanalista austríaco Igor Caruso (1970, p. 127), de um “ceticismo desiludido, mas, ao mesmo tempo, [com] a esperança obstinada, quase insensata, na vocação do homem para se tornar mais humano”?

Na sequência de um otimismo desesperado e de uma esperança obstinada, acredito que filósofos, psicanalistas e psiquiatras podem superar o “narcisismo das pequenas diferenças” e firmar uma parceira intelectual para continuar a criar outros jogos de linguagem, a fim de responder intelectual e existencialmente à pergunta de sempre e de cada um: o que ou quem somos?



REFERÊNCIAS

- "DISCUSSIONE", *Archivio di Filosofia*, n.1/2, 1964, 55-60.
- BEIRNAERT, Louis. "Un essai sur Freud", *Études*, n. 323, jui/août 1965, 49-52.
- BENVENISTE, Émile. "De la subjectivité dans le langage", *Journal de psychologie*, jui./sep. 1958.
- BENVENISTE, Émile. "Le langage et l'expérience humaine", *Diogenes*, n. 51, 3-13, jui./sep. 1965.
- CARUSO, Igor. "Psicanálise e sociedade: da crítica da ideologia à autocrítica". In: W. Reich., E. Fromm, H. Marcuse, E. Bergler, G. Roheim, *Psicanálise e sociedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1970, pp. 1-27.
- CHAZAUD, Jacques. "De l'interprétation", *Revue française de psychanalyse*, vol. 31, n. 3, mai/juin 1967, p. 500.
- DALBIEZ, Roland. *La Méthode psychanalytique et la Doctrine freudienne*. Paris: Desclée de Brouwer, 1936.
- DELACAMPAGNE, Christian. *História da filosofia no século XX*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *J. Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.
- DI MATTEO, Vincenzo. Filosofia e liberdade: o desafio da psicanálise. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 42, p. 135-144, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 out. 2021.
- DOSSE, François. "Benveniste: a exceção francesa". In: *História do Estruturalismo. O canto do cisne, de 1967 aos nossos dias*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1994.
- ELLENBERGER, Henri. "Herméneutique et psychanalyse. À propos du livre de M. Paul Ricoeur [De l'interprétation]", *Dialogue*, Canadian Philosophical Review, vol. 5, n. 2, sep. 1966.
- EY, Henri, *L'inconscient. VI Colloque de Bonneval*. Paris: Desclée de Brouwer, 1966.
- FINK apud RAMOS, Antonio Pintor. "Arqueología y teología del sujeto: hitos en la filosofía reflexiva de P. Ricoeur", *La ciudad de Dios: Rev. augustiniana*, 191, n. 2, 1978.
- FREUD, Sigmund. *As resistências à psicanálise*, 1925, v. XIX. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*, 1940, v. XXIII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FREUD, Sigmund. *Sobre a psicoterapia*, 1905, v. VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FREUD, Sigmund. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, 1917, v. XVII, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GAIANO, Alberto. "Psicanálise e fenomenologia nel saggio su Freud di P. Ricoeur", *Giornale Critico della Filosofia Italiana*, vol. 49, n. 3, lug./set. 1970, pp. 406-432.
- GT FILOSOFIA E PSICANÁLISE. Disponível em: <<http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/gt-filosofia-e-psicanalise>>. Acesso em 01/10/2021.
- HYPOLYTE Jean, "Filosofia e psicanálise". In: *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Tímber Taurus, 1989, pp. 87-124.
- JULIEN, Philippe. "P. Ricoeur à la rencontre de S. Freud", *Archives de Philosophie*, 29, n. 4, oct./déc. 1966.
- LACAN, Jacques, *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques, *O Seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, [1969-1970] 1992.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: LTC, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. "Preface". In: HESNARD, Angelo, *L'oeuvre de Freud et son importance pour le monde moderne*. Paris, 1960.
- MIJOLLA, Alain de. "La psychanalyse en France". In: JACCARD, Roland (dir.), *Histoire de la psychoanalyse*. Paris: Hachette, 1982.



- NORMAND, Claudine, "Le sujet dans la langue", *Langage*, n.77, mars 1985, p. 8.
- POHIER, Jacques M., "Au nom du Père...", *Esprit*, vol. 34, n. 3, mars 1966, pp. 480-500 e vol. 34, n. 4, avr. 1966, pp. 947-970.
- POLITZER, Georges. *Critique des fondements de la psychologie, I. La psychologie et la psychanalyse*. Paris: Rieder, 1928. [Reeditado pela PUF em 1968].
- RICOEUR, Paul. "Existência e hermenêutica". In: RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICOEUR, Paul. "Le conscient et l'inconscient". In: EY, Henri, *L'inconscient. VI Colloque de Bonneval*. Paris: Desclée de Brouwer, 1966.
- RICOEUR, Paul. "Le symbole donne a penser". In: RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté II. La symbolique du mal*. Paris: Aubier, 1960., pp. 323-332.
- RICOEUR, Paul. "O consciente e o inconsciente". In: RICOEUR, Paul. *O conflito das Interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICOEUR, Paul. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.
- RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté I. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier, 1950.
- ROBERT, Marthe. "Remarques sur l'exégèse de Freud", *Les Temps Modernes*, n. 233, oct. 1965, 664-681.
- ROUANET, Sérgio Paulo. "Dupla utopia psicanalítica", *Percurso*, Revista de Psicanálise, XVII, n.33, (2004), pp. 123-134.
- ROUANET, Sérgio Paulo. "Utopia e Psicanálise". In: ROUANET, Sérgio Paulo. *Interrogações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Psicanálise e cultura*. Disponível em: <http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/conf_Rouanet_port.pdf>, Acesso em: 14.09.2011.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Histoire de la psychanalyse en France*. Paris: Seuil, 1986.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França*, II. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida. História de um sistema de pensamento*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SAFATLE, V. "A moral psiquiátrica". *Folha de S. Paulo*, 01 out. 2013.
- SARTRE, Jean-Paul. "A psicanálise existencial". In: SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 682-703.
- SCHÉRER, René. "L'homme de foi e l'homme de soupçon", *Critique*, n. 223, déc. 1965, p. 1052.
- SCHLEMMER, André. "Réflexion sur l'interprétation", *Les cahiers de la méthode naturelle*, n. 37, jui. 1966, p. 7.
- SIPP-IPP. Disponível em: <<https://www.sipp-ispp.com/fr/sur-la-sipp>>. Acesso em 01.10.2021.
- THIRY, A. "Freud et l'interprétation", *Nouvelle Revue Théologique*, 88, n. 10, déc. 1966, pp. 1083-1087.
- TORT, Michel, "De l'interprétation ou la machine herméneutique", *Les Temps Modernes*, n. 37, fev./mars 1966, 1461-1493 e n. 238, avr./mai 1966, 1629-1652.
- VALABREGA, Jean-Paul. "Comment survivre a Freud?", *Critique*, n. 224, jan.1966, pp. 213-394.
- WAELEHENS, Alfonse de. "De la force du langage et le langage de la force", *Revue Philosophique de Louvain*, Tome 63, n. 80, nov. 1965, pp. 591-612.

